

DA LAGARTA À BORBOLETA: A METAMORFOSE SOCIAL REFLETIDA NA EDUCAÇÃO

Débora Alana Flach¹

Deise Josene Stein²

Resumo

O entorno social possui caráter interminável, sempre sujeito a ininterruptas lapidações. O processo de globalização adquire parâmetros cada vez mais amplos e acelerados, na qual passa despercebida diante dos passos apressados da população. Sendo assim, torna-se essencial discutir sobre os impactos que determinada globalização possam refletir perante o tocante educacional, bem como toda a condição humana. Considerando a escassa discussão perante tal temática, este trabalho tem por objetivo analisar e despertar reflexões sobre o papel que ainda resta para a escola e todo o corpo docente, considerando a modernidade líquida. Para tanto, a partir de pesquisa bibliográfica, busca-se compreender determinada condição na qual a sociedade se encontra, como atingimos esse patamar, quais as fases superadas e reflexos que derivam dessas circunstâncias. Ademais, discute-se ainda sobre as relações e condicionamentos humanos diante dos tempos líquidos, bem o novo sujeito liquefeito que transita nas imediações modernas. Além disso, realiza-se ainda uma análise sobre a função educadora, os impactos da liquidez refletidos nessa área, as suas revoluções e modificações, bem como a possibilidade de uma “nova” educação que caminha em consonância com as circunstâncias modernas. Portanto, através desse trabalho, pretende-se despertar a importância de repensar a educação na perspectiva da modernidade líquida, tendo em vista que a estabilidade é inexistente no cenário social e por isso deve-se manter a postura flexível. A metamorfose da vida social é complexa e indecifrável, para tanto, torna-se imprescindível dedicar-se a compreendê-la, almejando a constante revolução e transformação.

Palavras-chave: Bauman; Liquidez; Educação; Modernidade.

Abstract

The social environment has an endless character, always subject to uninterrupted stoning. The process of globalization acquires increasingly broad and accelerated parameters, in which it passes unnoticed in front of the hurried steps of the population. Therefore, it is essential to discuss the impacts that certain globalization can reflect before the educational, as well as the whole human condition. Considering the scarce discussion regarding this theme, this work aims to analyze and awaken reflections on the remaining role for the school and the entire teaching staff considering net modernity. In order to do so, based on bibliographical research, it is sought to understand a certain condition in which society is, as we reach this level, which phases are overcome and reflexes that derive from these circumstances. In addition, it is also discussed about the human relations and conditioning before the liquid times, as well as the new liquefied subject that transits in the modern surroundings. In addition, there is an analysis of the educational function, the impacts of liquidity reflected in this area, its revolutions and modifications, as well as the possibility of a "new" education that is in line with modern circumstances. Therefore, through this work, it is intended to reawaken the importance of rethinking education in the perspective of net modernity, considering that stability is non-existent in the social scene and therefore one should maintain a flexible stance. The

¹ Acadêmica do Curso de Graduação em Pedagogia pela Uceff Itapiranga. E-mail: debora_flach@hotmail.com.

² Professora do Curso de Graduação em Pedagogia pela Uceff Itapiranga. E-mail: deise_stein@hotmail.com.

metamorphosis of social life is complex and indecipherable. Therefore, it is essential to dedicate oneself to understanding it, aiming at constant revolution and transformation.

Keywords: Bauman; Liquidity; Education; Modernity.

Introdução

Considerando a globalização que inunda os distintos aspectos constitutivos de nosso meio social atual, pretende-se analisar e refletir sobre a Liquidez na Educação em Bauman enquanto temática central do presente artigo. Neste viés, através da problematização norteadora, objetiva-se desencadear provocações que derivam da seguinte questão: Qual a relação do conceito de Liquidez de Bauman à educação, e qual o papel do pedagogo frente a este cenário?

Em suma, a área da educação assume posicionamento prioritário de discussão, tendo em vista que o objetivo geral consiste em analisar o atual cenário educacional a partir do conceito de liquidez de Zigmunt Bauman. Dessa forma, parte-se da própria conceituação do que é “Líquido”, abordando questões referentes a pós-modernidade³ refletida no âmbito educativo em consonância com a incessante discussão sobre a atuação e função do pedagogo no atual cenário educacional.

Nessa perspectiva, torna-se pertinente ainda, dimensionar os reflexos da vida líquida nas esferas do condicionamento pessoal e profissional (docente e social), sempre relacionando o conceito de liquidez de Bauman à educação, e analisando como a mesma está acompanhando o processo de liquidez no âmbito escolar e seus distintos aspectos constituintes.

Sendo assim, considerando o caráter essencialmente moderno e globalizado que a sociedade atual emprega, enquanto pedagoga em formação e prestes a ingressar no mercado de trabalho, há motivos para pesquisar sobre os efeitos que determinado quadro/cenário possa causar a esfera educacional e seus constituintes.

Dessa forma, tendo como referência primordial o sociólogo polonês Zygmunt Bauman e seu conceito desenvolvido: “Modernidade líquida”⁴, objetiva-se ampliar o *lócus* refletivo crítico sobre qual o verdadeiro papel da educação frente essa ‘nova’ perspectiva social, englobando todo corpo docente, tendo como base a postura comportamental, intelectual e

³ “A pós-modernidade é definida por muitos autores como a época das incertezas, das fragmentações, das desconstruções, da troca de valores” (MORAES, 2004, p.1).

⁴ Em conceituação simples, modernidade líquida refere-se ao tempo presente na qual as distintas relações (econômicas, sociais, afetivas) possuem caráter fluído, inconstante e efêmero. Nada dura tempo o suficiente para criar forma sólida. Tudo é líquido, passageiro.

social dos mesmos frente tais mudanças, sempre visando melhorias ao público discente, alvo de toda essa ‘revolução pós-moderna’.

Perante tais reflexões, é indiscutível que as instituições escolares estão diretamente alicerçadas a todo esse ciclo que engloba a constante mutação social. Contudo, atualmente, pouco se discute sobre como o setor educacional, essencial na formação humanística, tem reagido, protelado e se auto estruturado perante essa nova instância que vive a sociedade.

Sendo assim, a organização do referido artigo estrutura-se da seguinte maneira: em primeira instância decorre um aprofundamento de pesquisa com relação ao sujeito líquido e o tocante educacional: descrição do perfil de ambos (sujeito e escola), as características que norteiam o público e instituição, as mudanças em relação ao passado, os maiores desafios perceptíveis, entre outros. Em sequência, surge a título de reflexão, a função do educador e da pedagogia na modernidade líquida, dialogando sobre possíveis contribuições e posicionamentos a serem adotados frente está nova instância moderna.

Finalizando, pondera-se sobre o tempo líquido e uma “nova” educação que venha a calhar com a realidade na qual se vive, a reformulação na qual se necessita, e possíveis intervenções na qual se espera. Assim, através de um estudo pautado sob grandes referências sociológicas, espera-se trazer contribuições pertinentes para diversas áreas do todo social.

O sujeito líquido em um tempo líquido na Escola

A sociedade atual encontra-se em processo de fragmentação em inúmeros aspectos/setores que constituem esse ciclo: econômico, cultural, teórico, e por que não dizer educacional?! Os resquícios da chamada modernidade líquida afetam e repercutem todas as instâncias da sociedade, incluindo a essência educacional e seu público vigente (educandos e educadores).

O sujeito líquido - cidadão pós-moderno - tem seu condicionamento humano afetado/modificado e lapidado conforme as transformações decorrentes do movimento pós-moderno. Sendo assim, destaca-se neste cenário, um novo ciclo cultural que impulsiona estímulos capitalistas, “[...] de modo que toda uma nova geração está circundada por uma cultura ‘agorista’, promovendo o culto à novidade, à contingência aleatória, ao consumo incansável e, ao mesmo tempo, insaciável” (FURLAN; MAIO, 2016, p. 285).

Consequentemente a esse quadro de consumidores ávidos, instantâneos e insaciáveis, ocorre a dissolução e fragilidade dos laços/vínculos humanos. Determinada situação reflete de forma direta no tocante ao círculo educativo. Assim, a instância educacional assume um

caráter inconstante, frágil e descartável, no que diz respeito a seus inúmeros aspectos constituintes. Nesse viés, Bauman (2010) *apud* Furlan e Maio (2016, p. 287) refletem:

O consumismo de hoje consiste em acumular objetos, com descartabilidade total. Sendo assim, por que o ‘pacote de conhecimentos’ adquiridos na universidade seria diferente? Portanto, como qualquer produto nas prateleiras à venda, a educação também passa a ser um ‘produto’, mas não um ‘produto’ feito para ser apropriado e conservado, como se acreditava no auge da Modernidade Sólida, e sim consumido e descartado, à medida das necessidades que o mercado impõe.

Sendo assim, enquanto aspecto educacional que discorre no contexto da modernidade líquida, a mesma internaliza o perfil mercantilista e faz da sabedoria ferramenta descartável e diminuída, na qual os estudiosos sentem-se pressionados a mudar de foco, para seguir/acompanhar a demanda social. Consequentemente, o imediatismo invade as entrelinhas da educação e suga a sabedoria/conhecimento pragmático de valor histórico e permanente. Assim sendo, os envolvidos com a educação devem ter em mente que,

O conhecimento que adquirem é eminentemente descartável, bom apenas até segunda ordem e de utilidade apenas temporária; e que a garantia do sucesso é não deixar passar o momento em que o conhecimento adquirido não se mostrar mais útil e for preciso jogá-lo fora, esquecê-lo e substituí-lo (BAUMAN, 2013, p.13).

Nesta perspectiva, viver torna-se uma constante consumação que engloba um ciclo interminável de obtenção e descarte. Em outras palavras, o que delimita a postura comportamental do sujeito líquido é a inconstância da jornada vital. Referida percepção também reflete e se faz presente no tocante educacional, no qual o modismo materialista que é divulgado pela mídia de forma alienante ao público infantil, corrobora para ascensões e poses de um caderno que tenha o personagem do desenho que está em alta, ou talvez a mochila da banda mais “descolada” do mês.

No entanto, ambas vontades se configuram como supérfluas e passageiras. Ninguém conhece/presume as sensações e premissas do futuro. O que lhe parece fundamental hoje, pode tornar-se desnecessário no amanhã. As tendências da moda alteram-se num piscar de olhos, e o consumismo ganha força impulsionando o ciclo de inconstância vital e educacional. Para tanto, “a vida líquido-moderna é uma encenação diária da transitoriedade universal [...]. Tudo nasce com a marca da morte iminente e emerge da linha de produção com o “prazo de validade” impresso ou presumido” (BAUMAN, 2013, p.14).

Neste viés, o sujeito líquido vive na transitoriedade de momentos, sentimentos, decisões e conhecimentos. Somos inundados de excessos informacionais e destituídos de orientações/referenciais, para viver e conviver com sabedoria em meio a civilização moderna. Em outras palavras, “um espectro paira sobre os cidadãos do mundo líquido- moderno e todos os seus esforços e criações: o espectro da superfluidez. A modernidade líquida é uma civilização do excesso, da redundância, do dejetos e do seu descarte” (BAUMAN, 2013, p.14).

Em consequência a esse fluxo constante de modificações que refletem em todos os aspectos do tocante social, o leque de potencialidades humanas e profissionais deve-se expandir como resposta protetiva. Em outras palavras, “num mundo como esse, somos compelidos a assumir a vida pouco a pouco, tal como ela nos vem, esperando que cada fragmento seja diferente dos anteriores, exigindo novos conhecimentos e habilidades” (BAUMAN, 2013, p.15).

A função do educador e da pedagogia na escola na modernidade líquida

É sabido que a função social do invólucro escolar e seu corpo docente sofrem alterações, modificações e adequações conforme a inconstância do ciclo vital em sociedade. Valores, princípios e vários aspectos que norteiam as vivências humanas encontram-se em constante metamorfose. Em outras palavras, o papel funcional da escola adquire também um caráter líquido e inconstante, portanto indeterminado e sob ininterrupta reflexão por parte de seus responsáveis perante os objetivos correspondentes a estas instituições. Conforme preconiza Bauman (2010, p. 47):

Em nosso mundo volátil, de mudanças instantâneas e erráticas, os hábitos consolidados, os esquemas cognitivos sólidos e as preferências por valores estáveis – objetivos últimos da educação ortodoxa - transformam-se em desvantagens. Pelo menos, este é o papel que oferece o mercado do conhecimento, que (como qualquer mercado em relação a qualquer mercadoria) odeia a fidelidade, os laços indestrutíveis e os compromissos a longo prazo, considerados obstáculos que atravancam o caminho e precisam ser removidos.

Neste viés, realizando um breve resgate histórico, é perceptível que na antiguidade a função do âmbito escolar restringia-se somente em transmitir o conhecimento imposto pelos professores. A única autoridade capaz de partilhar e impor conhecimento era a figura do professor, que posicionava-se como soberania perante os demais alunos que por sua vez, deveriam ouvir e decorar as informações por meio de uma postura submissa (KARNAL, 2016).

No entanto, é sabido que estamos em um aspecto momentâneo que remete a transição. Consequentemente, a didática pedagógica é atingida com tais características e por isso deve ser repensada.

Nesta perspectiva, realizando um comparativo com a atualidade, constata-se que o antigo perfil didático já não é propício para o momento social que se vive, tendo em vista o amplo leque informacional disponível aos nossos alunos cotidianamente. Deste modo, muito além de mediar conteúdo em sala, é papel do educador despertar o senso crítico e o poder de filtrar somente o imprescindível para o desenvolvimento intelectual e saudável do educando. Nesse sentido, conforme enfatiza Moura (2009, p. 06), “no exercício de sua função, o professor trabalha com o produto da ciência, que é o conhecimento científico, mas não somente com este, pois na relação com o seu aprendiz, manifestam-se e afloram-se outros tipos de saberes”.

Em outras palavras, a contextualização social na qual se está inserido atualmente, exige um constante ‘repensar’ da atuação docente em sala de aula. Consiste em um infindável exercício de reflexão que visa, muito além da mediação conteudista, uma formação humana que vai ao encontro com a realidade. Assim, prioriza-se

O desenvolvimento de um pensamento crítico que leve os sujeitos [a exemplo dos professores e de seus alunos no momento da aula] a refletirem sobre sua “condição de sobreviventes” em tempos líquidos deve ser continuamente repensado para que não perca sua força e “[...] continue condizente com a sua tarefa (MOURA, 2009, p. 08).

Desta forma, considerando determinado cenário de ‘educação líquida’, é inconcebível solicitar ao aluno o retorno de um dado pronto, mas lançar uma situação problema (KARNAL, 2016). Para tanto, torna-se necessário resgatar, instigar e estimular o diálogo, o questionamento e a consequente lapidação do exercício reflexivo. O que o educando aprende e exercita em sala, ele pratica e reproduz na convivência em sociedade. Considerando as reflexões de Bauman (2015), Furlan e Maio (2016, p. 299) ressaltam:

Bauman (2015) acredita que para que a escola e a educação façam sentido é preciso que estas consigam efetivamente produzir nos/as alunos/as a capacidade de pensamento crítico, e não a mera recepção de informações, que nesse contexto, vem em montanhas de diferentes direções.

Neste viés, Karnal (2016) destaca ainda, que é imprescindível ensinar ao aluno a importância de escolher com sabedoria sua fonte de informações, tendo em vista que nem

tudo que está na rede é verídico. Dessa forma, ensinar a combater o preconceito é promover o exercício reflexivo, desenvolvendo a postura defensiva do educando perante os discursos preconceituosos existentes nesse espaço virtual. Sendo assim, ganha força a ideia de educar a partir de valores, tendo como referência a liquidez da educação e a sociedade de um modo geral. Complementando essa ideia, o autor reforça: “Educar consciência e cidadania hoje é mais importante do que o próprio conteúdo” (KARNAL, 2016, s.p.).

Em consonância a isso, Bauman (2010) defende que o invólucro escolar deve estar cada vez mais próximo, em harmonia com a contextualização vital do ser humano, considerando as distintas dimensões que englobam desde a formação pessoal como grupal.

Contudo, para efetivar determinadas adequações e mudanças na perspectiva educacional, é imprescindível que aja uma preocupação similar com a formação do corpo docente e equipe gestora/administrativa. As lideranças que conduzem as constantes transmutações sociais em sala são os professores, sendo assim, é fundamental que o tocante principal da mediação conteudista e lapidação humana, tenha formação coerente com as demandas que correspondem a educação líquida. Sob essa necessidade, Moura (2009, p. 04) aponta que,

O século XXI traz em seu bojo a necessidade de construção de uma nova mentalidade para a formação do professor, levando em conta a relação que se estabelece entre mudança no campo profissional e mudança no campo pessoal. Na perspectiva de desenvolvimento pessoal e profissional, o professor compatibiliza a sua tríade: homem-cidadão-profissional.

Sendo assim, considerando a ininterrupta modificação da contextualização social em consonância com o contexto escolar, acredita-se que a formação de qualidade do ser professor possui caráter prioritário e decisivo no que diz respeito a correspondência das necessidades que exprime o tocante líquido – moderno. Neste viés, o “novo” professor “deverá se destacar nestes ‘tempos líquidos-modernos’ como um profissional cujo perfil é o do sujeito autônomo, reflexivo, pensante, criativo, cooperativo e inventivo” (MOURA, 2009, s.p.).

Em suma, é necessário investir na formação destes pelo simples fato de que assumem a tarefa formativa. Formadores de outros seres humanos, na qual engloba o desenvolvimento intelectual, psíquico e emocional. Ensinar é uma função social que forma cidadãos, pois trabalha-se “com seres humanos, sobre seres humanos e para seres humanos”. Consequentemente,

É preciso compreender esta formação como um continuum que se inicia antes e se prolonga depois da universidade, em patamares sempre mais elevados. É somente pela conquista da verdadeira sabedoria que o professor poderá cumprir o seu trabalho de formar pessoas o melhor possível para que estejam aptas a transformar a realidade (MOURA, 2009, s.p.).

Assim como a formação do corpo docente, a educabilidade em sua essência deve caracterizar-se como um processo ininterrupto e contínuo. Nada de metodologias e conteúdos estagnados ou didáticas prontas e acabadas. Como já citado anteriormente, a escola é reflexo/extensão da instância social, para tanto, deve estar em constante aprimoramento e atualização. O conhecimento deve ser contínuo e ressignificado ao longo de toda vida, para que dessa forma possa assumir caráter utilitário. Em outras palavras, “Nenhum outro tipo de educação ou aprendizagem é concebível; a ‘formação’ dos eus ou personalidades é impensável de qualquer outra forma que não seja uma reformação permanente e eternamente inconclusa” (BAUMAN, 2007, p. 155).

O tempo líquido e uma “nova” educação

Considerando as condições educacionais que englobam a contemporaneidade, é perceptível a necessidade de refletirmos sobre a possibilidade de uma nova pedagogia que vá ao encontro da padronização social imposta pela modernidade líquida. Assim, dentre os distintos aspectos que se pretende (re)significar em meio ao âmbito educacional, encontram-se a didática, metodologia, conteúdos, relação professor-aluno, princípios e valores que regem este novo condicionamento social, movido pela liquidez.

Em suma, é sabido que a contextualização que conduz o princípio escolar refere-se ao perfil mercantilista, que aos poucos domina todas as fragmentações pedagógicas. Sendo assim, a escola assume um posicionamento que prioriza a posse, o consumo, a inconstância, e a fragilidade. Dessa forma, “podem sobreviver a educação e a formação ao declínio da durabilidade, da perpetuidade e da infinitude, primeiras vítimas colaterais do mercado de consumo?” (ALMEIDA; GOMES; BRACHT, 2016, p. 66).

Nesta perspectiva, a rigidez de um sistema previamente pensado e direcionado para o tocante educacional, já não ganha mais espaço tendo em vista a constante transmutação dos princípios e valores que regem a vida em sociedade.

Para tanto,

Um *corpus* bem definido e logicamente congruente de destrezas e hábitos adquiridos, com a experiência que só o ‘longo tempo’ poderia fornecer, não é mais visto como vantagem no corrente sistema produtivo. Seguir a rotina não é mais um bom conselho. Flexibilidade é a palavra da moda: a habilidade de abandonar hábitos

do presente com rapidez torna-se ainda mais importante do que a aprendizagem de novos hábitos (ALMEIDA; GOMES; BRACHT, 2016, p. 66-67).

Neste viés, ainda conforme Almeida, Gomes e Bracht (2016), não se recomenda a apegção do conhecimento que é adquirido, pois esse está sempre acompanhado de um ‘prazo de validade’. Em outras palavras, o comodismo informacional é prejudicial, pois o que é considerado atual hoje, amanhã já pode estar ultrapassado. Sendo assim, é imprescindível manter o exercício ininterrupto da atualização, inovação e desapego informacional. “Essa forma de se conceber o conhecimento guarda relação com o hábito de tomar café: só é bom quando forte e quente, esfriando rapidamente antes que seu gosto possa ser saboreado e avaliado por completo”. (p. 67-68).

Dessa forma, a referida necessidade de manter-se constantemente atento frente as novidades informacionais, desencadeiam inúmeros mal-estares no ser humano. Essa inacabada preocupação com o incerto que está por vir, é propenso para desencadear sentimentos como ansiedade, que pode confundir o consentimento libertário do ser humano. Consequentemente, o indivíduo é cercado de questionamentos sobre a maneira correta de fazer uso de sua liberdade, uma vez que permeiam inúmeras influências alienantes derivadas da instância social.

Em consonância, Bauman *apud* Almeida, Gomes e Bracht (2016), defende que é papel da escola amenizar determinadas angústias que invadem o intrínseco do sujeito líquido moderno. Em outras palavras, os âmbitos educacionais

[...] devem cultivar um aprendizado que fomenta a capacidade de viver em paz com a incerteza ‘diariamente fabricada’ e com a ambiguidade, com uma diversidade de pontos de vista e com a inexistência de autoridades infalíveis e seguras; deve significar também o fortalecimento das faculdades (auto) críticas e o valor necessário para assumir a responsabilidade pelas escolhas que se fazem e suas consequências; deve, do mesmo modo, corresponder à formação da capacidade para mudar as regras em face do inesperado e evitar a tentação de não segurar a liberdade com as próprias mãos, sabendo lidar com a indecisão e a angústia que acompanha as alegrias do novo, do inesperado, do estranho. (p. 71)

Outrem, surge uma reflexão sobre a gritante urgência em desarmarmos à ‘ordem’ estipulada pela modernidade-sólida frente as instituições escolares e sua limitada função social. É o momento de estilhaçarmos os antigos padrões, sair da rotina, desvencilharmo-nos do politicamente correto. A sociedade encontra-se em novo patamar, em atualizadas perspectivas sociais, em um novo estado de condicionamento: o líquido moderno. Sendo assim, enquanto instituição que se desenvolve em consonância com a contextualização social emergente, a escola deve ressignificar sua essência afim de atender o público na qual constituirá a futura geração no invólucro social.

Em suma, para Bauman (2007) *apud* Almeida, Gomes e Bracht (2016), não se configura como estritamente necessário formular um projeto pronto e inflexível, um único caminho seguro e apropriado para alavancar o aspecto educacional e atingir seus objetivos pretendidos. A

espontaneidade e novidade devem acompanhar a educação até mesmo na aplicabilidade de seu projeto de ação:

O mundo em que os habitantes da modernidade líquida têm que viver e desenvolver suas estratégias de vida dá muita importância à educação do tipo *terceirizado*, caracterizada por uma aprendizagem que, infelizmente, nossas instituições educativas herdadas, nascidas e amadurecidas no moderno projeto ordenador ainda estão pouco preparadas para lidar. Para Bauman, é exatamente essa forma de educação e aprendizagem que tem mais possibilidades de oferecer aos homens e mulheres da modernidade líquida as condições de perseguir seus objetivos existenciais com pelo menos um pouco mais de confiança e engenhosidade, aumentando suas chances de sucesso (BAUMAN, 2007 *apud* ALMEIDA, GOMES E BRACHT, 2016, p. 73).

É sabido que determinada ação refere-se a uma grande revolução cultural, e exige de todos os envolvidos na grande mescla de profissionais que constituem o entorno escolar, muita resiliência e profissionalismo. Assim, como forma de salvar a perspectiva social da uma catástrofe liquefeita, a pedagogia crítica caracteriza-se como única ferramenta possível para amenizar os efeitos da modernidade líquida no condicionamento humano (intelectual/emocional). Em outras palavras: “uma intervenção política é inevitável caso se queira evitar ruína. Enquanto ela não vem, a esperança está viva e passa bem, sendo reconhecida pelo nome de pedagogia crítica” (ALMEIDA; GOMES; BRACHT, 2016, p. 75).

Ademais, determinada metodologia instiga reflexões críticas sob o posicionamento do âmbito social e suas influências mercantilistas perante o público adepto. Por este fato, torna-se imprescindível despertar o estudante para realidade, e fazê-lo repensar suas escolhas diante das tentações propostas cotidianamente pela mídia. Escola é institucionalmente crítica, sem feitiço de indução, apenas reflexão sobre a própria e próxima ação. Assim, “a educação não é processo de adaptação do indivíduo à sociedade. O homem deve transformar a realidade para ser mais (a propaganda política ou comercial fazendo do homem um objeto)” (FREIRE, 1979, p. 31).

Assim, sabe-se que o papel das instituições escolares vai além da reprodução cultural imposta pela contextualização social emergente. Formar cidadãos não se limita a mera reprodução e/ou instauração do conhecimento sistematizado. É discutir a realidade, analisar as possibilidades e refletir instigando mudanças que visam a harmonia das relações humanas. Neste viés, Freire (1979, p. 30) acrescenta,

Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu e suas circunstâncias. [...] O homem se identifica com sua própria ação: objetiva-se o tempo, temporaliza-se, faz-se homem-história.

Sob essa perspectiva que a pedagogia atual deve se sustentar, tendo em vista os condicionamentos liquefeitos que englobam o todo social. A transição de uma sociedade é incontrolável e involuntária, ocorre de forma processual e respinga em inúmeros aspectos que norteiam a convivência humana, incluindo culturas, valores, princípios, dogmas e hábitos. Integrado a essa transmutação ininterrupta, a educação possui um papel fundamental ao que se refere a emancipação cidadã que irá constituir determinada sociedade. Para tanto, é imprescindível lapidar-se conforme a presente modernidade e sua característica líquida. Sobre essa importância, Freire (1979, p. 33) já ressaltava,

Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem, atrás de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos.

Conforme Moreira e Silva (2005) destacam que, afim de cumprir determinadas exigências contemporâneas, é necessário que os sistemas educacionais repensem seus programas e práticas na qual adotam um ideal a favor de um ensino político cultural. No entanto, reconhece-se a lentidão e esforço que demanda referido processo, tendo em vista que a formação dos professores deve ser muito mais intensa, bem como surge a necessidade de

[...] explorar as ligações teóricas entre educação subjetividade, voz, autoridade e poder. É também necessário que eles sejam prolongadamente expostos a uma radical reorganização dos estabelecimentos de educação dos professores em torno de conceitos de história, linguagem, cultura e poder (GIROUX E MCLAREN, 1986 *apud* MOREIRA E SILVA, 2005, p.150).

Em consonância a isso, sabe-se que educar na modernidade líquida não é considerada uma tarefa simples, pelo contrário, sua complexidade possui característica infundável. Dessa forma, é imprescindível que se mantenham a exploração dos saberes e a constante reflexão, lapidação das condutas que constituem as entidades escolares, englobando o corpo docente, metodologias e práticas associadas. Em outras palavras, “os educadores terão de lutar arduamente para transformar as escolas em contra-esferas públicas que permitam derrotar o desalento e viabilizar a esperança” (MOREIRA; SILVA, 2005, p. 151).

Neste viés, Bauman (2015) *apud* Almeida, Gomes e Bracht (2016) reforçam, frente a determinada contextualização, a noção de *professor reflexivo*⁵ e de *epistemologia da prática*⁶.

⁵ Segundo a educadora brasileira Selma Garrido Pimenta, a ideia de professor reflexivo opõe-se à racionalidade técnica que marcou o trabalho e a formação de professores durante muito tempo. Neste sentido, pensar a formação do professor significa pensá-la como um *continuum* de formação inicial e contínua. A ideia de professor reflexivo entende, também, que a formação é, na verdade, autoformação, “uma vez que os professores

Referidas conceituações possuem grande adesão em nosso país, uma vez que desmantelam antigos dogmas da pedagogia tradicionalista. Assim, desconstrói-se a ideia de educação “maçante”, e fortalece a figura docente enquanto profissional que reflete sobre sua própria prática pedagógica, ou seja, o mesmo não está mais condicionado a alguém que realiza o mero repasse de informações provindo de fontes alheias. Em consequência, determinado quadro representa “um duro golpe nas pretensões proselitistas ainda existentes no campo educacional, que continuam a insistir na posse da verdade e, por consequência, da prática educativa que, inexoravelmente, levaria até ela” (p. 89).

Alicerçando novos desafios, práticas, ideias e pensamentos, sabe-se que a efetivação destes depende de inúmeros fatores congruentes. No entanto, é necessário reconhecer a importância de refletir sobre a prática individualizada, tendo em vista que cada educador assume papel fundamental no cumprimento da função emancipatória correspondente as instituições escolares. Em resumo, “[...] reformas mais amplas requerem não somente que os professores se engajem em novos movimentos sociais, mas que os programas que os formam redefinam as razões e a maneira pelas quais eles atuam na sociedade” (MOREIRA; SILVA, 2005, p. 151).

Sendo assim, sob inovada perspectiva pedagógica, considera-se ainda importante olhar para o educando como ser capaz de partilhar seus conhecimentos, e tornar a sala de aula ambiente de aprendizagens recíprocas e complementares. Dessa forma, o educador não se caracteriza como único detentor do conhecimento, mas um ser que possui humildade de reconhecer que tem muito a aprender com seus próprios alunos, e vice-versa. Sabe-se que as tecnologias estão mais presentes no público juvenil em comparativo com o público adulto, portanto, por que não permitir que os educandos possam se expressar a sanar as dúvidas do professor quando solicitado? “A educação deve ser desinibidora e não restritiva. É necessário darmos oportunidades para que os educandos sejam eles mesmos” (FREIRE, 1979, p. 32).

Em outras palavras, é necessário transcender em nossa condição de educador:

Não podemos nos colocar na posição do ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde daquele que comunica um saber relativo a outros que possuem outro saber relativo. (É preciso saber reconhecer quando os educandos sabem mais e fazer com que eles também saibam com a humildade) (FREIRE, 1979, p. 29).

A partir disso, retoma-se um pensamento de Bauman, na qual não se direciona exclusivamente para o tocante educacional, mas com toda certeza corrobora para a plenitude da função educadora. Considerando a figura docente, é imprescindível relevar que a mesma

reelaboram saberes iniciais em confronto com suas experiências práticas, cotidianamente vivenciadas nos contextos escolares (MENEZES, 2001, p. 01).

6 A epistemologia da prática pode ser entendida tanto como um campo teórico-metodológico que procura explicar o modelo em que se situam as práticas, como os saberes e os sentidos por ela produzidos; ou seja, a racionalidade em que estão apoiadas (CARVALHO, THERRIEN, 2009, p. 03).

rebele sua essência humana no exercício trabalhista, sob a hierárquica tarefa de formar cidadãos. Sobre tudo, objetiva-se despertar o melhor de cada educador em prol de um futuro mais justo e feliz. Assim,

A chave do sucesso é ‘ser você mesmo’, e não ‘ser como todo mundo’. O que vende melhor é a diferença, não a uniformidade. Já não basta ter conhecimentos e habilidades ‘relacionadas ao trabalho’, que também são dominados pelos que já desempenharam ou que são candidatos a desempenhar o mesmo ofício. É bem provável que isso seja, aliás, uma desvantagem. É necessário, ao contrário, ter ideias inusitadas, apresentar projetos fora do comum, nunca propostos antes [...] (BAUMAN, 2010. p. 53).

Para tanto, evidencia-se a importância de o corpo docente compreender que, perante as circunstâncias advindas da modernidade líquida, o professor diferencia-se muito em relação ao seu aluno no que diz respeito a questões culturais, educativas, de valores e princípios. Referem-se a gerações totalmente distintas e heterogêneas. Assim, cabe a parcela adulta dessa convivência mútua diária, reconhecer, interpretar e agir com maturidade diante de determinada situação, desenvolvendo estratégias pedagógicas pertinentes, afim de instigar a reflexão e exercitar a potencialidade de conviver em harmonia, visando a “saudabilidade” das relações humanas.

Além disso, afim de estilhaçar essa diferenciação cultural, é perceptível que a prática dialógica se posicione como afluente fundamental em determinado procedimento, na qual se reconhece em ambos os sujeitos envolvidos no processo ensino aprendizagem a potencialidade de contribuição e troca de saberes. Neste viés, Freire (2005, p. 91) complementa:

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes.

Em consonância, através do método dialógico é necessário também que o âmbito escolar e seus funcionários constituintes, mantenham um olhar individualizado para cada educando que frequenta as referidas instituições escolares. Tendo em vista que a modernidade líquida promulga um padrão de vida material, na qual o ter sobressai o ser, muitas famílias acabam por desvencilhar-se da função educacional na qual lhes cabe perante as crianças. Assim, não é raro a negligência psíquica, física ou moral por parte de pais ou responsáveis

frente o público jovem e infantil, considerando que os mesmos estão cada vez mais preocupados e exaustos perante a incessante tarefa de adquirir um bom emprego, receber uma boa remuneração e avançar no quesito de posses materiais.

Portanto, por meio de um olhar individualizado do educador perante o seu público, é possível diagnosticar a integralidade humana das crianças, sua saúde psíquica e emocional, seu contexto familiar e social, bem como reconhecer e auxiliar em possíveis dificuldades de aprendizagem. Além disso, determinada aproximação e olhar específico, permite ainda moldar a educabilidade cidadã e ética, a qual se tornou elementar na escola considerando as circunstâncias que deferem da modernidade líquida: pais ausentes, professores mais atentos.

Em complemento, Morin (2004, p.17) reforça, sobre a ética do gênero humano:

A ética não poderia ser ensinada por meio de lições de moral. Deve formar-se nas mentes com base na consciência de que o humano é, ao mesmo tempo, indivíduo, parte da sociedade parte da espécie. Carregamos em nós esta tripla realidade. Desse modo, todo desenvolvimento verdadeiramente humano deve compreender o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie humana.

Dessa forma, ainda segundo Barros Filho (2014, p. 01), considerando as circunstâncias atuais, “o trabalho do educador é necessariamente restritivo. Educar é definir privações. Educar é definir a energia vital em uma certa direção em detrimento de outra”, se deixarmos uma criança solta, ela será guiada essencialmente pelo seus instintos prazerosos e egocêntricos, e isso pode dificultar sua vida em sociedade. Assim, a criança precisa estar preparada para agir em sociedade, e essa preparação advém do seio familiar e escolar.

Em suma, considerando ainda sobre os desafios enfrentados no âmbito escolar frente a pós-modernidade, é sabido que as tecnologias e seu leque de atrações virtuais, competem acirradamente com as estratégias e metodologias pedagógicas propostas constantemente pelo corpo docente. Sendo assim, refletindo sob uma perspectiva de “nova” educação, por que não mesclar tecnologia e conteúdos/aprendizagens com a própria realidade tecnológica do aluno, com a própria tecnologia em ação? A ideia é tornar mais atrativo a aprendizagem de história, geografia, matemática ou português em meio as próprias redes sociais, na qual apresenta maior número de adeptos no que diz respeito ao público jovem. Em outras palavras, refere-se a conectar a aprendizagem com o próprio contexto real do educando, pois

Um dos problemas mais debatidos quando se fala em escola e os jovens de hoje é justamente o distanciamento que há entre a cultura escolar e a cultura da juventude. Os conteúdos e conceitos aprendidos em sala de aula muitas vezes não fazem

sentido para estes jovens que almejam um futuro que na maioria das vezes não está ligado ou relacionado com o que vêm nas salas de aula (SOUZA; MOITA; CARVALHO, 2011, p. 25).

Neste viés, aplicativos como *facebook*, *twitter*, *blogs*, *whats app* ou outros meios de comunicação e expressão virtuais que se destacam em meio ao público jovem, assumiriam além da função interacional, um viés pedagógico, ou um espaço de conhecimentos significativos. Neste cenário é possível fazer uso das ferramentas em que o aluno se identifica ou tem gosto, com a finalidade de despertar a criatividade e produtividade em prol de aprendizagens significativas: produção textual, debate em tempo real, trabalhos em conjunto, entre outros.

Consequentemente, a aprendizagem introduzida de forma criativa e diferenciada, desperta a espontaneidade e interesse dos educandos, e de forma involuntária surge a curiosidade no que está sendo trabalhado, a dedicação sob as metas que se pretende atingir neste novo patamar, e a valorização da realidade e contextualização na qual o mesmo se insere.

Para tanto,

A escola, para fazer cumprir sua responsabilidade social de educar e formar os novos cidadãos precisa contar com professores que estejam dispostos a captar, a entender e a utilizar as novas linguagens dos meios de informação e comunicação a serviço de sua prática pedagógica que deve ser compreendida como uma forma específica de práxis, portanto, prática social que envolve teoria e prática, própria da prática educativa (SOUZA; MOITA; CARVALHO, 2011, p. 26).

Ademais, enquanto reflexo da instância pós-moderna, observa-se ainda que a educação subdivide-se em segmentos, tornando-a mecanizada e fragmentada, como se cada conteúdo fosse uma determinada gaveta no inconsciente do aluno, e a mesma deve-se abrir no momento correto e oportuno. Sendo assim, observa-se que referida metodologia confunde o público discente e fragmenta o processo de ensino aprendizagem. Para tanto, enquanto “nova” educação, a Trans/Interdisciplinariedade deve ter caráter prioritário no que diz respeito a organização da educabilidade, uma vez que os projetos e trabalhos na qual englobam as distintas matérias escolares, tem muito mais êxito e impacto no desenvolvimento intelectual dos estudantes.

Assim, trabalhar de forma a compartilhar distintos conteúdos de forma espontânea e não regrada, permite aos alunos desenvolver o senso crítico e argumentativo, bem como a habilidade de intercalar distintas áreas do saber. Além do mais, determinada metodologia

explana um novo olhar sobre as diversas formas de aprender e internalizar o conteúdo por parte do aluno, tendo em vista que não se trata de um público homogêneo e assim heterogêneo, com suas referidas potencialidades e especificidades cognitivas e motoras.

Nesse sentido,

[...] fica evidente a importância da interdisciplinaridade na produção do novo, no alargamento de horizontes visíveis na ótica de apenas uma disciplina – esta inovação ocorre quando, abertos à produção de novos conhecimentos ainda não existentes, efetiva-se diálogos que revelam novos indicadores, novas experiências vividas no cotidiano da sala de aula, novos aspectos retidos na memória, entre outros aspectos. (FORTUNATO; CONFORTIN; SILVA, 2013, p. 06)

Portanto, em meio a tantas reformulações ou visões modernas perante a instância educacional, sabe-se que nada faz sentido se os amantes dessa área não estiverem comprometidos a buscar: formação, modificação, transformação. Em outras palavras, independentemente das reações sociais, da metamorfose ininterrupta equivalente, a educação sempre será a determinante de cunho introdutório e conclusivo, a esperança que não falha. Pois, conforme Morin:

A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano (2004, p. 47).

Enquanto houver humanidade, haverá mudanças. Enquanto houver mudanças, haverá conflitos. Conflitos exigem força de vontade para pregar a transformação, a revolução. E revolução é sinônimo de educação. Educação se faz por gente que encara o desafio de frente. Transformar e transcender. Educar é evoluir.

Considerações Finais

Reconhecer e interpretar as constantes mutações que se fazem presentes no ciclo social, posiciona-se com requisito humano fundamental diante do cenário inconstante na qual nos encontramos atualmente. Considerando a amplitude e importância da pesquisa realizada, é possível afirmar que a sociedade nunca encontrará uma dimensão conclusiva, desta maneira a educação deve ser constantemente repensada, e a formação de educadores adquirir caráter ininterrupto.

Enquanto instituição que considera a contextualização social, a escola sofre de forma igualitária os efeitos da modernidade em suas entranhas. Estruturação, metodologia, didáticas, formação humana. O desafio pedagógico cresce na medida em que a sociedade se transforma. Assim, torna-se imprescindível que o corpo docente desenvolva um olhar maduro, flexível e resiliente perante a transmutação refletida no âmbito escolar.

Modernidade é uma consequência natural do ciclo vital. É modificar, transformar, modernizar o todo social: princípios, valores, relações, estruturas. Para compreender é preciso dialogar. Em outras palavras, não se pode fugir das consequências que derivam da vida social, é necessário encarar, interpretar e flexibilizar a conduta humana.

Dessa forma, refletir sobre nossa condição na atualidade, deve ser encarado como meta fundamental, a fim de analisar os avanços, retrocessos, e aspectos que nos caracterizam enquanto comunidade social. Negligenciar esse ato reflexivo, faz do sujeito um ser passivo perante a realidade, acomodado diante do seu contexto e alienado para com as circunstâncias impostas por uma sociedade consumista.

Tendo em vista a função emancipatória da escola, é de fundamental importância salientar uma educação pautada no pensamento crítico e argumentativo de nosso público, sustentado através da metodologia questionadora, autônoma, reflexiva e participativa. É hora de educarmos cidadãos para transformação que a nossa sociedade tanto precisa.

Em suma, as antigas formas de pensar a educação já não são mais convenientes com o modelo social que se apresenta na atualidade. Não adianta insistir em algo que já não é mais condizente com a realidade. É como tentar servir um sapato que já não cabe mais, machuca, fere, deixa marcas e cicatrizes doloridas.

As transições fazem parte da vida humana e devem ser respeitadas. Nossas instituições reconhecem essa importância, e estão no caminho da contínua adaptação contemporânea.

Portanto, família e escola possuem grandes desafios e empecilhos no que diz respeito à árdua jornada de educar, tendo em vista a contextualização moderna líquida. Contudo, somente em conjunto e através de muito determinismo que referida missão pode-se concretizar com sucesso e consequente (re)formulação de uma sociedade mais justa. As responsabilidades são intensas, os desafios cada vez mais amplos, porém, a vontade de querer, agir diferente e superar-se deve ser maior do que qualquer coisa.

Deste modo, é perceptível que a vida sócio cultural é de caráter ininterrupto e instável, consequentemente, sabe-se que caminhamos em direção a um novo estado de

condicionamento social. Por conseguinte, o gasoso assume a próxima etapa no que diz respeito a esse ciclo.

Sendo assim, considerando as dificuldades existentes já nos dias atuais, principalmente no que diz respeito ao viés educativo, surge o questionamento: Como as escolas vão reagir e protelar frente os desafios já presentes, e os novos que ainda irão surgir? Objetiva-se internalizar a reflexão e compreender a importância de reconhecer a sujeição humana perante a constante ‘metamorfose’ da vida, na qual acredita-se que muito se espera da ação educativa: entre aplicar ou menosprezar a verdadeira potencialidade humana.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Felipe Quintão; GOMES, Ivan Marcelos; BRACHT, Valter. **Bauman e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário**: e outros temas contemporâneos. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Sobre Educação e Juventude**: Conversas com Riccardo Mazzeo. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Zahar, 2009.

_____. **Tempos líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BARROS FILHO, Clóvis de. **Como ensinar ética para as crianças?**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pz-4PYuAZgE>>. Acesso em: 16 out. 2017.

BRACHT, Valter; GOMES, Ivan Marcelo; ALMEIDA, Felipe Quintão. **Zygmunt Bauman e a Escola**. 2016. Disponível em: <<http://www.cartaeducacao.com.br/artigo/zygmunt-bauman-e-a-escola/>> Acesso em: 03 abr. 2017.

FORTUNATO, Raquel; CONFORTIN, Renata; SILVA, Rochele Tondello da. **Interdisciplinaridade nas escolas de educação básica**: da retórica à efetiva ação pedagógica. 2013. Disponível em: <http://www.ideal.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/28_1.pdf> Acesso em: 16 out. 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FURLAN, Cássia Cristina; MAIO, Eliane Rose. **Educação na Modernidade Líquida**: entre tensões e desafios. 2016. Disponível em:

<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/27999>> Acesso em: 01 out. 2017.

MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo, cultura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: Cortez editora, 2005.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MOURA, Jeani Delgado Paschoal. **A formação do professor em “tempos líquidos-modernos”**. 2009. Disponível em: <<http://livrozilla.com/doc/1597960/a-formação-do-professor-em-“tempos-líquidos-modernos”>>. Acesso em: 07 set. 2017.

NÓVOA, Antônio. **Profissão Professor**. Tradução de Irene Lima Mendes, Regina Correia, Luísa Santo Gil. Portugal: Porto Editora, 1999.

SOUSA, Robson Pequeno de; MOITA, Filomena M.C. da S.C.; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes (Orgs.). **Tecnologias Digitais na Educação**. 2011. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/6pdyn/pdf/sousa-9788578791247.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2017.